

## LEÃO JÚNIOR

José Leão de Alencar Oliveira Júnior: Fortaleza, 11.4.47

Doutor em Literatura Brasileira pela PUC-RJ. Professor Adjunto de Teoria da Literatura na UFC. Autor de três peças teatrais. Os poemas incluídos nesta edição são inéditos e pertencem a um conjunto de textos cujo título geral é **Tempo tempo**.

### DO AUTOR:

#### POESIA E TEATRO

*Sinantologia*, Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC., 1968.

*Ceia*. In: Revista *Master*. Los Angeles; UCLA, 1971.

*A Aldeia*. In: Revista *Caboré*. Imprensa Universitária da UFC., 1969.

*Canga e crença, meu Padim*. Fortaleza. Teatro Universitário., 1967.

*O Travesseiro*. Peça proibida no ensaio geral em 1969.

*Girassol-poente*. Peça inédita.

*Tempo tempo*. Inédito.

#### ENSAIOS

*Releitura de Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: PUC, 1977.

*Evolução e teleologia: história e historiografia literária*. Rio de Janeiro: PUC, 1993. Tese de doutorado.

#### SOBRE O AUTOR

COSTA, Marcelo F. *História de teatro cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1972.

LYRA, Pedro. *Poesia cearense e realidade atual*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Cátedra-INL, 1978.

PONTES, Roberto, *Lutando contra a esfinge*. Inédito.

### TEMPO TEMPO

certifique-se de que o tempo  
não goza, em seu cabedal,  
o saber de um tempo argüido:

seu irônico juízo  
no que investiga retorna  
e o que investiga é retorno  
do que então se parodia

do que então potencializa  
um saber examinar-se  
no outro que está do outro  
sem imagem conferida  
mas que pressupõe ao pôr  
radicais inexistências  
sob metódico senso  
de crítica e de raciocínio  
para então comprometer  
a base - seu fundamento -  
do círculo que vira dia  
que se vive sem teoria

o que lhe permite ser tempo  
é não contar sua história  
é não ter sequer história  
é ser o avesso da história

a própria falta - seu ser  
de insuportável sentido -  
satura de perdas a vida  
e a explode como história

ai é preciso viver  
de sobrevivida aparente  
nas sobras do apalavrado  
reconduzido ao vazio

e nesta sede excluída  
do homem desprende-se o tempo  
demolindo o quê de si  
sobrevive em seus sistemas

que permanecem percursos  
de quebras fendas rupturas

são como um não-rio  
os afluentes do tempo  
(faz flutuar periódicas  
minas de água parada)

que cai por brutas clivagens  
como evidências sem fala  
ou conflui estimulando  
econômicas miragens

que precipitam o invisível  
nas influências do visto  
e trazem a forma adiante  
das margens que nos espiam

sem olhar antecipando  
múltiplos fluxos sem rio

é de poesia que  
o tempo se alimenta  
de sua força estratégica  
sua premente ameaça

pois quanto mais fortifica  
com mais defesas desata  
e obriga ao tempo o adiante  
de formas desmoronadas

obriga a viagem das horas  
às suas fronteiras perdidas  
a descobrir demasiados  
possíveis de não rendição

mal começada a jornada  
chegam arquitetos do não

tem o passado uma fome  
do retorno do que falta  
fome de raiz-além  
desse longo ignorado

e rumina arruinando  
a forma não digerida

tem a fome de uma espera  
por horizonte não vindo  
se morde o passo do onde  
se gera a fome do tempo

enquanto rumina o presente  
escapa por entre os dentes

quando céu e terra se fizeram uno  
o grande tempo moldou todas as coisas  
de uma só vez

aos homens transmitiu a técnica  
de não esperar

nenhum posterior, absoluto ou relativo  
se pressupôs:  
a consciência das clepsidras e das ampolhetas  
desapareceu

perderam-se as sucessões e os recortes  
irreversivelmente

o grande tempo fundiu os homens  
na geografia do outro  
e já não houve marcas de propriedade  
e já não houve Estados

quando céu e terra se fizeram uno  
o presente pôde ser lembrado

os configurados do tempo  
marinheiros e megáricos  
na volta não viram a margem  
fazer porto no outro lado

fazer com poucos relógios  
este contorno marinho  
por lençóis curvos de água  
canais de vida ou de linho

(mil canais de travessia  
não chegam ao tempo visado  
se o ângulo em que se projetam  
não vaga em tua memória

se não te apreendem no agora  
rasgos de incertos indícios)

a paciência da tribo  
faz que dorme  
faz que sonhem seus conceitos vagos  
com cristais

quase nada extrai da falta  
de origem ou fim

a paciência da tribo  
retira-se do tempo com malas e bagagens  
e põe-se a salvo  
como duração e morte

quase nada deixa  
de sua imprópria matéria  
sem horizonte indagado

a paciência da tribo não se acaba  
talvez porque seu puro escape  
dispense o eterno  
como os cristais às datas

no instante do bote  
o tempo masca  
não marcha  
como os cadetes do colégio militar

a cobra-macha do tempo  
não bate os calcanhares que não tem  
nem se perfila ou bate continência

a cobra-marcha do tempo apenas rumina  
o seu azul pairado  
sobre alas, sobre balas.

no instante exato do bote  
a cobra do tempo fuma  
e o verde desfile dos passos para sempre  
passa

como uma falta de ser  
se imagina desejada  
ou quanto a letra se quer  
mais lida se mais apagada  
a consciência propaga  
sua força de abafada  
que mal ultrapassa a falha  
escandaliza o que falta  
e perturba porque gasta  
a razão da ultrapassagem  
ao propagar o querer  
doutros forças sufocadas  
que mais apagadas se avivam  
como letras desejadas  
de uma escrita em que falta  
tua imagem recortada  
tua vida recordada  
por um apagado de charge

o único tempo é o tempo  
que fora de si inexistente  
como existe o que expulsa  
de sua reserva incontente

expulsa do homem o ganho  
ou pior, contabiliza  
sua fome de um ser tempo  
de ter no tempo o seu prumo

e este homem sem divisas  
quer do tempo seu insumo  
cobra incentivos e lucros  
por vida a mais de consumo

mas o tempo acerta o trato  
desconhecendo o rumo

quem rói de ti os fantasmas  
de que se cobre a razão  
lendo o antes da memória  
que escapa à imaginação

que examina pela falta  
as marcas da contradição  
que ousa escritos vazios  
sobre raspas predatórias

quem desconcentra a razão  
para firmá-la no instável  
como solta resistência  
que se faz tão maleável

que nenhuma norma nova  
fixa a ferida da margem

a tinta encarnada do teu  
manuscrito sem história  
se entranha na letra como  
palavra arrancada à traça

se entranha em calar dobrado  
como história dos silêncios  
que a letra arranca aos pedaços  
desta carne de azurado

a tinta dos manuscritos  
come a tua mão pesada  
com gratos garfos que vexam  
o menos papel do prato

para abrir com suas chaves  
o trauma de novos achados

escrevo palavras que calam  
o meu objeto é o tempo  
não fala

mas guarda em si monumentos  
que sem vestígios  
abalam

e o seu mudo testamento  
fende infinito o fragmento  
que age

escrevo à margem do efeito  
leitor da ávida ausência  
que apaga

e não consulto memórias  
meu dicionário é o átimo  
que indaga

deixa se possível um oco  
para que o tempo arrebente  
tuas mordanças sem corpo  
o teu silêncio de ovo

teu fio sem interior  
que tece os teus desenlaces  
com mordidas ou amarras  
famintas da tua nudez

derrama o rigor do silêncio  
na veia oblíqua do novo

mas o tempo aperta o tempo  
deixa o tempo de novo

o tempo gera o tempo  
que gera de si o tempo  
que gera os tempos de novo  
como uma trama bastarda

os laços de parentesco  
perdido no que se ligam  
tecem o mito e a fenda

saber de que é feito o tempo  
desses tempos sem história  
é ter por familiares  
homônimos desconhecidos

que no entanto evoluem  
no seu poder de expurgar  
incógnitas biografias

o tempo gera o tempo  
que gera de si o tempo  
que gera os tempos de novo  
como uma trama bastarda

deixa se possível um oco  
para que o tempo arrebente  
tuas mordanças sem corpo  
o teu silêncio de ovo

teu fio sem interior  
que tece os teus desenlaces  
com mordidas ou amarras  
famintas da tua nudez

derrama o rigor do silêncio  
na veia oblíqua do novo

mas o tempo aperta o tempo  
deixa o tempo de novo

os tempos geraram os tempos  
que geram de si os tempos  
que geram os tempos de novo  
como uma trama bastarda

os laços de parentesco  
perdido no que se ligam  
tecem o mito e a fenda

saber de que é feito o tempo  
desses tempos sem história  
é ter por familiares  
homônimos desconhecidos

que no entanto evoluem  
no seu poder de expurgar  
incógnitas biografias

nos interiores das bibliotecas  
o teu vizinho vive os anos vinte  
um de meia-idade atrás de ti  
parte uma galáxia

nos interiores da rua  
cada palavra circula  
com reais multiplicados

pelos becos mais dispersos  
das páginas encadernadas  
os interiores do homem  
iluminam as passagens

o que eu digo não quero  
dizer como ele se diz  
porque se faz no que faço  
para não fazer-se a mim

e cada palavra se choca  
com o que impõe seu dizer  
e cada palavra se corta  
por outras pontuações

o que eu não digo se fala  
torcendo sons e silêncios  
cavando-se onde não há  
mais que prática discente

e em seu próprio discurso  
de tempos pouco assertivos  
nada assegura ou aponta  
a voz que se pronuncia

porque esta voz dispersa  
só pressente, mal envia

**o antiquário escreve  
à margem**

**dos manuscritos  
do xerox  
do software  
do fax**

**o antiquário constrói  
a margem do presente arcaico  
nos meios**

**margem que se desloca do olho  
e trafega  
sob os traços cotejados**

**o antiquário cria passados  
de crônicas por escrever:  
tempos de re-produção  
compondo a ordem do avesso**

**por artes a poesia  
recorta o sem-fundo da fala  
e desenha em negativo  
as massas do impercebido**

**cria o desenho nas falhas  
da palavra retalhada  
e faz divagar entre as formas  
o que escapa à razão**

**o que lhe permite se abrir  
sempre que um fim se imagina  
e mais se faz desdobrar-se  
desdobrando suas divisas**

**estas fronteiras que o homem  
mais pressente que imagina**

neste momento mais  
o tempo se nega ao discurso  
e por mais que o mapeie  
não tem verdadeiro tamanho

então é preciso fazê-lo  
relativo e problemático  
como um conceito que pensa  
a história escapada

então é preciso vivê-lo  
como diferença e fado  
e mais preciso explorá-lo  
alargando os seus cavados

este prático sondar  
impede a topografia  
mas concreta de paisagem  
que se alarga além do olho

com cores que passarão  
a fazer parte da fala

todo o tempo  
que conceder refúgio  
a dado estrangeiro  
no preciso objetivo  
de ocultá-lo à história  
será por ela acusado  
de crime de lesa-ofício  
e portanto  
renegado

(como poesia)